

TORNAR LISBOA A CAPITAL EUROPEIA DA IMPLANTOLOGIA CERÂMICA

A abertura do primeiro centro de treino certificado pela Sociedade Europeia de Implantologia Cerâmica (ESCI) pretende atrair médicos dentistas portugueses, mas também sul-americanos. “A ideia é ensinar os colegas e uniformizar a formação para que possam aprender os protocolos corretos”, afirma o Dr. André Chen, responsável pela ESCI Lisbon Academy.

Robustos, livres de metais e mais resistentes às bactérias. É desta forma que são descritos pela Sociedade Europeia de Implantologia Cerâmica (ESCI) os mais recentes implantes cerâmicos, cada vez mais procurados por pacientes e médicos dentistas. Quem o diz é o Dr. André Chen, médico dentista e membro da direção da ESCI, que falou com o Jornal Dentistry à margem da inauguração do primeiro centro de formação certificado pela sociedade científica em toda a Europa. “O centro de Lisboa é o primeiro e em breve, talvez ainda durante este ano, iremos assistir à abertura de um segundo na Europa”, afirma. O ESCI Lisbon Academy abriu portas oficialmente no passado dia 22 de abril, no número 220 da Avenida da Liberdade, em Lisboa. “É a primeira de muitas aberturas”, acrescenta o especialista.

A escolha para a inauguração do primeiro centro de formação recaiu sobre a capital portuguesa “por um argumento puramente económico”, explica o Dr. André Chen, depois de ter sido equacionada a abertura em Munique, na Alemanha. O objetivo será captar a inscrição de médicos dentistas portugueses, mas também colegas dos mercados emergentes na implantologia cerâmica, como o Brasil ou a Argentina. “Se o Brasil e a Argentina aumentam em 2% a taxa de mercado



“Para mim, existe um conjunto de vantagens. É a cor, a ausência de metais, a inércia, a possível maior aceitação do tecido e uma menor afinidade da placa que torna os implantes de zircónio interessantes”

Dr. Ralf-Joachim Kohal, professor na Universidade de Friburgo

de implantes cerâmicos, os colegas brasileiros não vão para a Alemanha receber formação. Querem é vir para Lisboa”, defende. Por outro lado, o perito acredita que a cidade das sete colinas poderá vir a ser o epicentro da formação nesta área em todo o território europeu. “Lisboa foi, no passado,

Com a abertura de mais centros de formação, a ESCI pretende criar, mais tarde, uma pós-graduação europeia em implantologia cerâmica

um centro para os implantes cerâmicos. Cerca de 40 anos depois, volta a ter um centro de formação”, afiança. As próximas aberturas estão previstas para Munique e Estocolmo, na Suécia, confidenciou o Dr. Jens Tartsch, presidente da ESCI.

Ao Jornal Dentistry, o Dr. André Chen detalha que a intenção por detrás da criação de uma rede de centros formativos é poder vir a instituir “uma pós-graduação em implantologia cerâmica”, em que os formandos possam passar por várias capitais europeias e “aprofundar as diferentes estratégias” desta terapêutica. Para este ano, está prevista a calendarização de algumas formações, mas será apenas em 2024 que a academia ESCI estará a funcionar em pleno. “Estou muito entusiasmado”, assegura o Dr. Jens Tartsch.

Mudam-se os tempos, mudam-se as tecnologias

Apesar da implantologia cerâmica existir há cerca de 50 anos, este é, ainda, um mercado de nicho que levanta algumas dúvidas aos médicos dentistas. Em parte, o Dr. Ralf-Joachim Kohal, professor na Universidade de Friburgo, na Suíça, acredita que a falta de adoção generalizada dos implantes cerâmicos deve-se “à longevidade dos implantes de titânio”. “Os dentistas confiam no sucesso comprovado deste material a longo-prazo. Levará algum tempo até que adotem um novo método”, contextualiza ao Jornal Dentistry o também consultor científico da ESCI. O Dr. André Chen concorda e acrescenta ainda que “o principal desafio era a aceitação desta terapia com uma evidência científica forte”, algo que considera ter sido ultrapassado. “Já ninguém vê isto como algo insólito ou holístico, mas sim como uma alternativa credível”, defende.

Aliás, de acordo com os especialistas presentes na conferência que assinalou a abertura do ESCI Lisbon Academy,

a 22 e 23 de abril, muito mudou desde a década de 70, quando estes implantes começaram a aparecer no mercado. À época, as primeiras gerações de implante cerâmico eram produzidas a partir de óxido de alumínio, um material que se veio a verificar insatisfatório pelas fracas propriedades biomecânicas e resultados clínicos insuficientes. “Os implantes de hoje não têm nada a ver com óxido de alumínio. Hoje usamos dióxido de zircónio”, revela o Dr. Stefan Rohling. O vice-presidente da ESCI, que marcou presença na conferência, afirma que, ao contrário do que acontecia há alguns anos, “já não é apropriado considerar que os implantes cerâmicos são opção apenas para os ‘freaks’”. O especialista refere-se



“Para algumas situações clínicas, está mais do que comprovado que o sucesso é, pelo menos, igual, senão superior ao dos implantes de titânio”

Dr. André Chen, membro da direção da ESCI

a uma associação da implantologia cerâmica com as terapias holísticas, que o colega Dr. André Chen também acredita já não ser uma caracterização adequada. “Há uns cinco ou seis anos, se fosse a um congresso de implantes cerâmicos, as pessoas pensavam ‘lá estão aqueles tipos dos holísticos’ e hoje em dia não”, refere, acrescentando que atualmente “já se tem uma discussão científica aprofundada”.

Ultrapassado este desafio, o próximo passo implicará a consciencialização da comunidade de médicos dentistas em toda a Europa, não apenas através da comunicação das vantagens da implantologia cerâmica, mas sobretudo por



“Os implantes de zircónio e titânio apresentam semelhante capacidade de integração dos tecidos moles”

Dr. Stefan Rohling, vice-presidente da ESCI

via da produção de conhecimento científico. Neste campo, o Dr. André Chen afirma que “na Europa somos vistos como o grande centro da evidência científica”, pelo que a realização de mais estudos a partir da Suíça ou Alemanha terá impacto positivo a nível mundial. Em simultâneo, é importante que as empresas que comercializam estes implantes continuem a melhorar a acessibilidade destes materiais e a reduzir o custo, permitindo que cada vez mais pacientes possam optar pela cerâmica.

Cerâmica: vantagens clínicas

A mais importante questão em torno da implantologia cerâmica prende-se com os resultados clínicos – será esta uma opção terapêutica adequada e alternativa aos implantes de titânio? A resposta parece ser positiva, de acordo com as intervenções durante o evento organizado pela ESCI, em

60%

É a percentagem de médicos dentistas que dizem ter optado por implantes cerâmicos a pedido dos pacientes

abril. “Para algumas situações clínicas, está mais do que comprovado que o sucesso é, pelo menos, igual, senão superior ao dos implantes de titânio”, confirma o Dr. André Chen. Procurando contribuir para a disseminação de informação sobre prática clínica associada a estes implantes, a ESCI promoveu a realização de um questionário, dirigido a médicos dentistas e outros profissionais do sector, sobre a implantologia cerâmica. “Temos vantagens clínicas na sua utilização”, garante o Dr. Jens Tartsch, que apresentou os resultados do inquérito, disponíveis para consulta no site oficial da ESCI.

Embora estes dados não possam ser considerados científicos, permitem compreender tendências e avaliar a opinião da comunidade médica com base na experiência acumulada.

97,5%

É a taxa de sobrevivência dos implantes cerâmicos cinco anos após a sua colocação, de acordo com dados científicos reunidos pelo Dr. Stefan Rohling

da. “O pedido dos pacientes foi a principal razão apontada para a escolha de implantes cerâmicos” em 60% dos casos, aponta o presidente da ESCI, tendo como base a resposta de 316 participantes de 45 países. Quase metade dos inquiridos (47%) diz ter pelo menos cinco anos de experiência na colocação de implantes cerâmicos.

Em entrevista ao *Jornal Dentistry*, o professor Dr. Ralf-Joachim Kohal recusa a ideia de que os implantes cerâmicos tenham “uma vantagem principal” face aos de titânio e prefere falar num “conjunto de vantagens” desta opção. Entre as razões apontadas pelo especialista estão três características particularmente importantes – a ausência de metais, uma maior aceitação pelos tecidos moles e menor afinidade para a placa bacteriana. “É isto que torna os implantes de zircónio interessantes”, reforça. “Digamos que as bactérias gostam menos destes materiais, o que é uma vantagem”, explica o Dr. André Chen, que destaca ainda a resposta positiva dos tecidos a estes implantes.

O vice-presidente da ESCI, Dr. Stefan Rohling, destaca a integração positiva dos tecidos moles com a utilização de implantes cerâmicos. “Muitas vezes, os tecidos moles aumentam alguns meses depois da colocação do implante”, diz, referindo que “implantes de zircónio e titânio apresentam semelhante capacidade de integração dos tecidos moles”. Além disso, a taxa de sobrevivência dos implantes cerâmicos é elevada a curto e longo-prazo, aponta o perito. “Sabemos, de acordo com os dados, que temos altas taxas de sobrevivência, acima de 97%”, afirma.

Porém, os médicos dentistas presentes na conferência da ESCI reconhecem que ainda são necessários estudos científicos adicionais, em particular no que respeita ao comportamento destes implantes a longo-prazo. As evidências da prática clínica apontam para que sejam, pelo menos, equivalentes aos implantes de titânio, podendo mesmo, em alguns casos, registar melhor desempenho. Para o professor Dr. Ralf-Joachim Kohal, os dados científicos já disponíveis mostram que “os implantes cerâmicos de uma peça são significativamente mais estáveis do que os de duas peças”.

Adicionalmente, no que à peri-implantite diz respeito, o Dr. Frank Maier, membro da direção da ESCI, acredita que as partículas geradas pelos implantes de titânio são mais suscetíveis de gerar situações de peri-implantite do que com a utilização de cerâmica. O especialista realça também a “maior biocompatibilidade” do zircónio em comparação com o titânio. Contudo, o médico dentista alerta: “não temos materiais que façam milagres, temos sempre de aplicar ao implante de cerâmica as mesmas regras que aplicamos no titânio”.

Resultados estéticos superiores

Para lá das vantagens clínicas da utilização de implantes cerâmicos, o Dr. André Chen considera igualmente importantes as vantagens estéticas desta opção em relação ao titânio. A ausência de metais permite evitar a coloração cinzenta que é comum nos implantes de titânio, um benefício da cerâmica que se mantém branca mesmo após utilização prolongada. “A transmissão de cor num implante cerâmico é diferente do que um de titânio, aquele halo mais acinzentado não existe nos implantes cerâmicos não existe. É uma vantagem extremamente importante”, sublinha. “As exigências estéticas dos nossos pacientes estão a aumentar”, confirma o Dr. Frank Maier.



“As exigências estéticas dos nossos pacientes estão a aumentar”

Dr. Frank Maier, membro da direção da ESCI

Questionado sobre se o custo de um implante cerâmico é superior ao de um implante de titânio, o Dr. André Chen afirma que existe, atualmente, “uma pequena diferença de preço”, embora acredite que ficará “esbatida” ao longo dos próximos dois anos. “No futuro, o que vamos ter são sistemas gémeos em tudo é igual – os implantes, a forma de os colocar e o preço”, diz.

Incentivo aos médicos dentistas

Para os especialistas que participaram na conferência da ESCI e ouvidos pelo *Jornal Dentistry*, é importante que os médicos dentistas procurem informar-se sobre a nova geração de implantes cerâmicos para que possam oferecer mais e melhores opções terapêuticas aos seus pacientes. “Se tem vontade de aumentar a sua experiência profissional, experimente os implantes de zircónio”, diz o professor Dr. Ralf-Joachim Kohal, que refere mesmo que “com os implantes de duas peças de zircónio não há diferença em relação aos implantes de titânio”. Já o Dr. André Chen reconhece que esta poderá não ser a opção indicada para todas as situações clínicas, mas destaca o “sucesso comprovado” desta solução para muitos casos clínicos. “Hoje em dia, os colegas vão ter cada vez mais pessoas a pedir implantes cerâmicos porque é normal querer uma opção não metálica”, aponta. ■

Francisco Almeida